



CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ANA CAROLINE GENÉSIO RODRIGUES

**AS INTERVENÇÕES SOCIAIS NA ESCRITA LITERÁRIA:
Um olhar sobre *Usina e Casa na Duna***

GUARABIRA – PB
2015

Ana Caroline Genésio Rodrigues

**AS INTERVENÇÕES SOCIAIS NA ESCRITA LITERÁRIA:
Um olhar sobre *Usina* e *Casa na Duna***

Monografia apresentada em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciada em Letras, à Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, sob orientação da Profª Dr. Maria Neni de Freitas.

GUARABIRA – PB
2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R453l Rodrigues, Ana Caroline Genésio
As intervenções sociais na escrita literária: [manuscrito] : um
olhar sobre usina e casa na duna / ana Caroline Genesio Rodrigues
- 2015.
33 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.
"Orientação: Profª Drª, Maria Neni de Freitas, Departamento
de Letras".

1. Modernismo Brasileiro. 2. Neorrealismo Português. 3.
José Lins do Rêgo. 4. Carlos de Oliveira. I. Título.

21. ed. CDD B869.3

Ana Caroline Genesio Rodrigues

**AS INTERVENÇÕES SOCIAIS NA ESCRITA LITERÁRIA:
Um olhar sobre *Usina e Casa na Duna***

COMISSÃO EXAMINADORA



Profª Drª Maria Neni de Freitas – Orientadora



Profª Drª Rosângela Neres – Examinadora



Prof. Dr. João Paulo Fernandes - Examinador

Aprovada em 03 de dezembro de 2015

GUARABIRA – PB
2015

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de forma especial ao meu pai, como forma a cumprir o prometido e consolidar em agradecimento os cuidados de tantos anos, a minha mãe pela inspiração, e pelos anos de trabalho realizado em prol da educação e ao meu namorado que sempre acreditou em mim.

AGRADECIMENTOS

É difícil agradecer a todos que, de alguma maneira, fizeram parte da minha vida. De forma especial, obrigada a todos que compunham e efetuam a minha existência mais significativa. Agradeço, não por obrigatoriedade, mas como forma de gratidão, a minha mãe Maricelma que me apresentou o primeiro descobrir das letras e o desafio dos números, pelo acompanhamento e ensinamentos ainda em casa, de como aprender o “ABC” da vida, tarefa exercida junto ao meu pai Geraldo, dela partiu a inspiração para seguir uma carreira acadêmica voltada à educação. Ainda entre os laços familiares, agradeço a minha irmã Camila, pela cumplicidade diária e amor fraterno. Ao meu namorado Esdras, sempre compreensivo aos meus dias de dedicação ao curso.

Agradeço aos mestres que marcaram de forma especial a minha formação, a minha tia e madrinha Maricélia pela continuação da minha formação, lembro-me de forma muito especial as cartinhas entregues diariamente com muito carinho e que eram guardadas com zelo, como uma forma de gratidão pelos préstimos dedicados a “uma sobrinha querida”. A minha professora Luciana Adelino a qual até hoje tenho laços firmados de uma relação além das formalidades. Ao meu professor de Português, Eliwollny Medeiros que propiciou em mim um olhar crítico para a leitura através das suas indicações literárias.

Agradeço de forma linear as amizades adquiridas no meio universitário, de forma especial a Ana Carla pelo auxílio de forma assídua no início do curso de Letras, ao meu amigo Jobson Soares, propiciador de muitas reverberações através das conversas sempre proveitosas e inspiradoras. Em um processo de afinamento acadêmico a que somos orientados a seguir, fazemos também uma seletividade do ciclo de amizades, deste posso citar ainda, meu caro amigo Marcelo Felix, sempre muito prestativo as nossas dúvidas de gramática, uma pessoa admirável. A Janaina, a quem aprendi a gostar sem grandes dificuldades, sempre muito dedicada nunca lhe faltou a delicadeza para todo e qualquer assunto, ao meu amigo Antonio Xavier, ou “Tony” para os íntimos, pessoa muito especial, focado em seus objetivos; pelas horas de convívio diárias, a estas pessoas agradeço por propiciar aos meus dias, muitas vezes tão conturbados, momentos de alegria.

Agradeço aos professores da academia que desempenharam deveras a formação crítica, a construção de seres pensantes, aqueles que fizeram emergir a

“massa cinzenta” das mentes primárias. De forma mais marcante agradeço ao professor Dr. João Paulo Fernandes, profissional focado, dedicado ao trabalho e “aos seus”, pessoa a quem aprendi a admirar de forma especial, que assim como a literatura é carregado de significados, agradeço pela atenção, pelas dúvidas tiradas, pelas explicações dadas, mas principalmente por ser aquele a singularizar o ensino, de ser um verdadeiro divisor de águas e que enaltece a profissão e acredita na formação como processo contínuo de aprendizado, por tudo isso e pelos conselhos ofertados por alguém que se preocupa, meu muito obrigada!

Agradeço a minha querida orientadora, a professora Maria Neni, uma referência da UEPB – Campus III, pelo conhecimento compartilhado de forma tão delicada, pelos anos de dedicação a entidade e aos alunos. Em forma de agradecimento espero ter alcançado as expectativas da pesquisa, de modo especial, espero não tê-la decepcionado.

Por fim, e não menos importante, agradeço a Deus, propiciador de tudo isso que vivi.

“A história desses livros é bem simples: comecei querendo apenas escrever umas memórias que fossem as de todos os meninos criados nas casas-grandes dos engenhos nordestinos. Seria apenas um pedaço da vida o que eu queria contar. Sucede, porém, que um romancista é muitas vezes o instrumento apenas de forças que se acham escondidas no seu interior.”

José Lins do Rego

RESUMO

José Lins do Rego, escritor paraibano que alcançou notoriedade na Literatura brasileira pelos escritos regionalistas, e Carlos de Oliveira, nascido no Brasil, mas de cidadania portuguesa, assumem destaque com seus registros neorrealistas e suas tessituras com o Modernismo e Regionalismo brasileiros. Esses autores constroem panoramas que dialogam em situações sócio-político-econômico-literárias, e revelam efeitos estéticos e sociais, que podem ser observados, especialmente, nas obras *Usina* (1936) e *Casa na Duna* (1943). Nessa perspectiva, objetivamos em leituras teórico-analítico-comparativas a configuração social narrada, bem como seus pontos de tensões plasmados na escrita literária. Em diálogos teóricos, temos como fundamentos textos que promovam a reflexão acerca do Modernismo e Regionalismo brasileiros, e do Neorrealismo português, além de questões estético-literárias trazidas pela teoria da narrativa, autores como Mendonça (1967), que volta olhares ao Neo-realismo português e seus diálogos com o Modernismo brasileiro, Freyre (1967), traz em seu *Manifesto regionalista* questões pertinentes à cultura regional brasileira, Silverman (1978), que corrobora com as discussões acerca da Moderna ficção brasileira, entre outros, os quais fundamentam não só os princípios teóricos de nossa proposta, mas se estende diretamente às leituras crítico-analíticas das obras ora selecionadas. Didaticamente, alguns procedimentos metodológicos são pertinentes no que tangem à leitura e à análise, obedecendo aos critérios estabelecidos de particularidade e universalidade, comparativamente, tencionamos a leitura das obras, as quais ilustram nossas inquietações acerca da problemática Modernismo X Neorrealismo em contexto brasileiro e português, respectivamente. Dessa forma, demos ênfase aos narradores, bem como aos demais elementos narrativos, em especial os personagens e espaços os quais, textualmente, corroboram na significação das ideias construídas pelos autores brasileiro e português, (res)significando em suas narrativas imagens que revelem algumas intervenções sociais.

Palavras-chave: Modernismo brasileiro e Neorrealismo português. José Lins do Rego e Carlos de Oliveira. *Usina* e *Casa na Duna*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O MODERNISMO BRASILEIRO E O NEORREALISMO PORTUGUÊS: DAS NARRATIVAS FICCIONAIS ÀS VISÕES CRÍTICAS	13
3 ASCENSÃO E DECLÍNIO: PERSONAGENS QUE CONTAM EM USINA E CASA NA DUNA	18
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

A literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso (BARTHES, 2004, p.18).

A literatura é umas das formas de arte de maior representatividade, através dela podemos ver o mundo sob a visão sensível particular do criador, Jouve vai dizer que: “Os textos literários são realmente atos verbais específicos [...]” (JOUVE, 2012, p.83). O seu campo de significação é “sempre algo mais vasto do que aquilo que se mostra na aparência imediata”, como observa Jouve (*apud* Hegel, 2012, p. 85).

Nessa perspectiva, faz-se necessário olhar as possibilidades que fazem emergir as significações acerca das obras literárias *Usina*, de José Lins do Rego e *Casa na Duna*, de Carlos de Oliveira, tais narrativas são condizentes com as múltiplas interpretações passíveis ao leitor, nas quais os escritores apresentam notoriedade pelas suas obras, sendo considerados grandes representantes das literaturas brasileira e portuguesa.

As características em comum não se restringem apenas as relevantes contribuições literárias de ambos os escritores, mas, também, o intuito de desenvolver uma análise comparativa entre as obras mencionadas e identificar as particularidades que as envolvem, bem como as suas distinções.

Tal proposta apresenta um desafio que contempla a imensidão de um estudo firmado há mais de 150 anos, a Literatura Comparada enquanto disciplina. Em detrimento a todo esse tempo, a área enquanto disciplina já acumulou uma consolidada pesquisa bem sucedida, por isso, o campo de estudo diverge em duas concepções, segundo Perrone-Moisés:

O fato de já ter 150 anos, permite que essa disciplina tenha definido mais ou menos seu campo e seus métodos e, sobretudo, já tenha produzido em seu âmbito trabalhos de alta qualidade que resolvem, na prática questões teóricas e metodológicas aparentemente insolúveis. (1990, p. 91).

O “mais ou menos” citado pela autora reforça a ideia de intertextualidade tão recorrente na academia, a qual os textos se constituem de mosaicos ocasionados de outros tantos textos já produzidos e relacionados entre áreas, aparentemente

divergentes. No mais, as próprias obras aqui estudadas assumem essa postura, e através delas pretendemos relacionar as influências de alguns dos marcos literários da história.

No Brasil, o Modernismo e o Regionalismo, e em Portugal o Neo-Realismo, momentos de intercessão entre si, e que assumem relevância às possíveis intenções dos autores no que condiz com a criação das obras. Tomamos como subsídio além de alguns referenciais teóricos, as próprias narrativas que desencadeiam possibilidades de reverberar acerca dos elementos narrativos e da simbologia pertinente de um diálogo entre as mesmas, visando seus aspectos sociais, políticos, econômicos e literários, quando pensamos na decadência familiar presente como eixo temático em ambas as obras e resultante da influência do meio.

Assim, tais literaturas trazem uma realidade social, nas falhas morais e, principalmente, na defesa da arte como propósito, como denúncia de uma sociedade regada à miséria, às distinções sociais, à ascensão de poucos e à submissão de um grupo majoritário.

Dessa forma, ressaltamos que os dois períodos comungam do inconformismo por parte dos romancistas que se posicionavam contra esse sistema através de suas obras, nas quais os mesmos descreviam as péssimas condições de vida que a população e, principalmente, os imigrantes eram obrigados a viver, a exemplo da situação trágica que viviam os nordestinos, descrita por José Lins no romance *Usina*, que a nosso ver influenciou a prosa portuguesa no período neorrealista, especialmente Carlos de Oliveira.

Por conseguinte *Usina* e *Casa na Duna* ilustram nossa investigação quando apresentam dentro das narrativas, em especial pelas vozes dos narradores, a postura dos patriarcas que assumem a representatividade sobre a relação e influência dos períodos estudados, estabelecendo uma semelhança entre os personagens, em especial os patriarcas, os eixos das famílias tratadas nos dois romances. É através deles que se concentra o foco da narrativa, o processo de ascensão, opulência ao declínio e decadência total das famílias.

Dessa forma, partindo das perspectivas possibilitadas pelas vozes dos narradores concernentes a atuação dos personagens nas narrativas em correlação com as visões críticas estabelecidas pelo autor e que é permutável pelo leitor através de um debruçar atento sobre a obra, o que permite um olhar crítico que

procure esclarecer as relações e distinções acerca do texto literário, são elementos a serem elencados em nossa análise.

Como ponto de articulação com a teoria da Literatura, debruçamo-nos nos estudos de Perrone-Moisés (1990), Bosi (1994), Candido (2008), e outros que possibilitem uma melhor compreensão com base nas importantes análises desenvolvidas pelos mesmos, os quais estabelecem mais que um viés teórico-crítico, na verdade, suscitam pontos que aproximam as questões acerca da Literatura e Sociedade.

Por fim, tecemos as considerações finais, de forma a analisar a relação de comunhão entre os espaços ficcionais possibilitados pelas narrativas de *Usina* e *Casa na Duna*, e a relação entre o Modernismo brasileiro e Neo-Realismo português interferente às relações luso-brasileiras.

2 O MODERNISMO BRASILEIRO E O NEORREALISMO PORTUGUÊS: DAS NARRATIVAS FICCIONAIS ÀS VISÕES CRÍTICAS

Quando falamos em literatura, a mesma é passível de múltiplas definições que foram instauradas no decorrer do tempo, Vincent Jouve traz o sentido etimológico da palavra com a seguinte definição: “[...] ‘literatura’ vem do latim *litteratura* (“escrita”, “gramática”, “ciência”), forjado a partir de *littera* (“letras) [...].” (JOUVE, 2012, p. 29).

Ezra Pound afirma que: “Literatura é novidade que PERMANECE novidade” (POUND, 2006, p. 33), e ainda elenca para as funções e finalidades que os escritores desempenham através da literatura.

A literatura não existe num vácuo. Os escritores, como tais, têm uma função social definida. Exatamente proporcional a sua competência como ESCRITORES. Essa é a sua principal utilidade. Todas as demais são relativas e temporárias e só podem ser avaliadas de acordo com o ponto de vista particular de cada um. (POUND, 2006, p.36).

Usina e Casa na Duna assumem representatividades aos contextos envoltos e característicos a considerar dois momentos distintos da literatura brasileira e portuguesa em uma vertente de inferências luso-brasileiras. As obras, em uma análise comparativa, na qual se pode identificar uma relação de influências dos contextos sociais nas produções literárias modernistas e neorrealistas.

Tais obras exemplificam e/ou se articulam diretamente com a teoria literária, e a escolha das obras em questão faz criar um novo leque de possibilidades no campo da crítica, da análise narrativa e dos aspectos sociais pertinente de inferências presente nas obras.

Na tentativa de entendermos as imagens criadas por José Lins e sua relação com o Modernismo brasileiro, tomemos a colocação de Candido quando diz:

Nesta ordem de considerações, o Modernismo representa um esforço brusco e feliz de reajustamento da cultura às condições sociais e ideológicas, que vinham, desde o fim da Monarquia, em lenta mudança, acelerada pelas fissuras que a Primeira Guerra Mundial abriu também aqui na estrutura social, econômica e política. (2008, p. 141).

Essa forma de fazer literatura consolida-se no Brasil após a Semana de Arte Moderna, início cronológico da nova literatura, ainda a passos lentos, uma vez que

olhar à produção literária requer deslocamentos, os quais nem sempre são considerados pelos leitores/críticos mais conservadores.

No entanto, os ecos aludidos a partir da mobilização da Semana de 22, outros escritores e estudiosos de várias regiões do país perceberam que as novas concepções e referenciais de literatura poderiam alcançar destaques, considerando as vozes, inicialmente, locais. Entre os modernistas vigora uma nova prosa literária antifascista e anticapitalista, voltada à crítica. Os romances regionalistas modernos por sua vez desviam-se das grandes metrópoles, em especial a cidade de São Paulo, e aventuram-se no Brasil regional, com base em novos temas e ideais.

A crítica reconhece que o movimento regionalista brasileiro estabeleceu influências sobre a prosa neorrealista em Portugal, conforme afirmação de Fernando Mendonça (1967), em *Três Ensaios de Literatura*, quando afirma que: “Não deve, de fato, duvidar-se duma influência muito direta do romance nordestino sobre o romance neo-realista português” (MENDONÇA, 1967, p. 14).

O Neo-Realismo eclodiu na década de 40 com a publicação da obra *Gaibéus* de Alves Redol em um acentuado compromisso com o social. Tal movimento artístico aconteceu em paralelo com o Estado Novo em Portugal e discordava de seu totalitarismo, desejando apresentar uma nova visão de mundo mais justa, porém, limitar o período a um simples ato de denúncia social é limitá-lo, como bem atenta Margato.

Essa orientação, desdobrada em diferentes textos e em diferentes tons, em pouco tempo incorporou expressões como: “critério essencialmente pragmático para a apreciação das obras de arte”; “primado do conteúdo sobre a forma”; “comunicabilidade direta da obra de arte”, o que acabou por traduzir-se na fórmula-síntese “a redução do artístico ao ideológico”, que durante os anos dessa polêmica – e também depois deles – ficou associada ao Neo-Realismo como um todo. A consequência imediata da adoção desse pressuposto traduz-se na identificação dos textos neo-realistas como produções de um realismo inferior, que devem ser lidos, prioritariamente, como documentos de época. Acrescentando mais um dado, poderíamos dizer que grande parte da demarcação a que a produção neo-realista ficou sujeita deve-se, principalmente, a um posicionamento crítico redutor que considera essas obras apenas como documentos políticos decalcados da e pela ideologia marxista. (MARGATO, 2008, p. 3).

Essa concepção reforça a ideia de que o Neo-Realismo não tinha apenas um caráter denunciativo, de “ação”, além disso, deve-se atentar para o cuidado dos escritos literários. É perceptível em *Casa na Duna*, imagens poéticas e um cuidado

com as inferências a serem construídas dentro da ficção sem perder elementos de contexto social, visto que o próprio enredo através dos personagens estabelece uma ponte consensual ao período neo-realista.

O mesmo se percebe na ficção de José Lins, onde os traços sócio-históricos se delineiam de forma magistral no espaço literário, com suas propostas de um regionalismo crítico, e porque não dizer de uma criticidade nacional. É atribuída a José Lins a invenção de um novo romance moderno brasileiro. O conjunto de suas obras é um marco histórico na literatura regionalista, por representar da forma mais completa o ciclo da cana-de-açúcar, o declínio do nordeste canavieiro, os negros, as senzalas, enfim, as obras desse escritor paraibano são de uma representação cuidadosa e rica com as descrições de espaços imagéticos ficcionais.

Para Carlos de Oliveira, o movimento neo-realista não tinha como encargo falar em particular do povo, mas atentar para a sociedade e como a mesma pode influenciar na formação do indivíduo, bem como no seu papel social. Visto dessa forma, o ensaísta João Camilo dos Santos propõe a seguinte explanação.

O neo-realismo para Carlos de Oliveira é isso: embora de um lado existam e vivam aqueles que são “culpados” e do outro “as vítimas”, na realidade o autor coloca-se do ponto de vista superior do historiador, do deus irônico e cheio de compaixão para quem todos os indivíduos são apenas, ou sobretudo, em última análise, simples e frágeis peças de uma máquina enorme que os transcende e que os obriga a desempenhar um papel particular em vez de outro. (SANTOS, 1991, p. 41).

Carlos de Oliveira parece se preocupar especialmente em despojar os processos históricos, a circunscrever os personagens de forma individual, mesmo tratando cuidadosamente do clã dos Paulo, o escritor se atenta aos problemas do trabalho, ambição e poder, ascensão e declínio da propriedade familiar, dessa forma, as influências do meio vigoram na atuação particular do indivíduo.

É viável dizer que José Lins trouxe uma nova roupagem aos romances modernistas, porém, foi necessário que uma linha de pensadores anteviesse o período até a sua firmação, para aproveitar a movimentação da Semana de Arte Moderna, foi necessário pensar em uma forma de circulação dos textos, para isso, os primeiros modernistas brasileiros investiram no lançamento de revistas e manifestos.

Alguns nomes como a revista “Klaxon, a primeira revista a surgir, ainda em maio de 1922, trazia no primeiro número um editorial-manifesto que destaca seus

objetos: a busca atual, o culto ao progresso, a incorporação de novas formas artísticas [...]” Abaurre e Pontara (2005, p. 516). Nada mais viável, uma vez que se buscava divulgação das ideias. A ela somaram-se a “[...] Estética (Rio de Janeiro, 1924), A Revista (Minas Gerais, 1925), Terra Roxa e Outras Terras (São Paulo, 1926) e Verde (Minhas Gerais, 1927). (*Idem*).

Além das revistas, os manifestos visavam conciliar a cultura “nativa e a cultura intelectual”. Era admitido o uso da língua sem preconceitos, além do resgate das manifestações fossem elas da elite ou do povo. Nesse aspecto da linguagem, José Lins era um escritor da oralidade, que através da simplicidade transparecia o belo. Para mais, vale ressaltar algumas das novas posturas nacionalistas da década de 30, uma delas referente aos aspectos de linguagem como bem tratam as colocações das autoras Abaurre e Pontara:

Além da aproximação entre a fala e a escrita, a linguagem da prosa modernista torna-se mais ágil. As longas descrições românticas e realistas dão lugar a cenas breves, curtas, que são apresentadas em rápida sucessão, criando o efeito de fotograma que ganham movimento quando montados em sequência.[...] (ABAURRE; PONTARA, 2005, p. 518).

Fatos esses que não atravancou a iminência das obras modernistas. Sob uma ótica de que era necessário abandonar alguns conceitos firmados nas mais diversas formas de arte, o Modernismo se baseou na transformação e criação de um novo lugar, uma nova cultura. Candido vai dizer:

Parece que o Modernismo (tomando o sentido mais amplo das idéias, e não apenas das Letras) corresponde a tendência mais autêntica da arte e do pensamento brasileiro. Nele e sobretudo na culminância em que todos os seus frutos amadureceram (1930-1940), fundiram-se a libertação do acadêmico, dos recalques históricos, do oficialismo literário; as tendências de educação política e reforma social; o ardor de conhecer o país. A sua expansão coincidiu com a radicalização posterior à crise de 1929, que marcou em todo o mundo civilizado uma fase nova de inquietação social e ideológica. (CANDIDO, 1975, p. 132).

Tais vestígios são percebidos nas obras regionalistas voltadas para a descrição do Nordeste sob a visão de José Lins, que configuram uma tomada da representação de certa forma dos problemas de caráter social, a transição da concentração econômica, de uma cultura patriarcal, elementos recorrentes as literaturas de cunho neo-realista.

Quanto a isso, Sacramento vai dizer que: “[...] o problema do Neo-realismo é sempre pólvora: ele é, há décadas, a única expressão possível de toda a problemática social portuguesa. (SACRAMENTO, 1974, p.87). Isso porque o período comunga de uma consciência de intervenção objetiva da realidade. Algo indiscutível sobre o período é a incontestabilidade das diferenças acarretadas pelo meio, as distinções exigidas pelos poderosos contra as angústias populares, propondo a intervenção do homem na exploração e na luta contra a miséria humana.

Decorrer sobre os vestígios de tais elementos através de narrativas ficcionais e ainda relacionar obras de extensão Brasil/Portugal, deixando aperceber suas influências em contextos histórico-ficcionais, só tende a firmar um estudo consagrado, justamente por desmembrar as relações de um composto maior.

3 ASCENSÃO E DECLÍNIO: PERSONAGENS QUE CONTAM EM *USINA E CASA NA DUNA*

A arte é fruição, e toda forma de arte é válida se fizer pensar, ela é subjetiva e diante das suas “realidades” é passível de múltiplas interpretações, de forma a propiciar espaços imagéticos. “A arte é um fazer tal que, enquanto faz inventa o por fazer e o modo de fazer” (BOSI, 1985 p.13). Esse modo de fazer está comumente ligado ao contexto histórico que a envolve, a prova disso é que, cada período dispõe das suas representações artísticas nos mais diversos âmbitos, resultados irrefutáveis do estilo, dos marcos, dos acontecimentos e/ou transitividades que tornam a arte uma forma de conhecimento.

A ficção se apoia à recriação da realidade, a exemplo de um romance, não se pode dizer que o autor se utilizou puramente da sua imaginação, ou que ele travou uma minuciosa descrição da realidade, mas que produziu o revérbero do contexto social a que este romance foi arraigado.

Compreender os universos real e factual é intrínseco à leitura das obras *Usina e Casa na Duna*, uma vez que os aspectos sociais podem ser visualizados pelas metáforas e/ou discurso literários internos. As obras não são meras reproduções de um aspecto social e/ou sociológico, não estão para denunciar problemas de ordem social ou política, mas em ordenar em linguagem ou tessituras narrativas por um olhar, um ponto de vista que suscite questões externas, sem desvencilhar dos elementos formais da literatura.

Inserido em um contexto social de constantes mudanças, de recriação e adaptação dos acontecimentos, *Usina*, de José Lins do Rego é uma obra acometida a esses entraves. Carlos de Oliveira através do romance *Casa na Duna* assume igualmente essas concepções.

A relação de transição dos acontecimentos entre Brasil e Portugal sob as vozes de dois grandes representantes da literatura, firma com assiduidade, narrativas de representatividade e disputa de poder, intervenções econômicas e as consequências acarretadas pelas práticas errôneas dos representantes de duas famílias construídas em espaços ficcionais.

José Lins do Rego, consagrado escritor brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras, nasceu no dia 03 de julho de 1901, no município de Pilar, e

faleceu no dia 12 de setembro de 1957, no Rio de Janeiro, aos 56 anos de idade, vítima de problemas hepáticos.

Após a morte de sua mãe passou a viver com o seu avô o coronel Zé Paulino. José Lins deixou um legado da mais completa descrição do ciclo da cana-de-açúcar através dos seus romances, *Menino de engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *Usina* (1936) e outros que passeiam fortemente por aspectos relacionados ao patriarcalismo como tradição nacional, especialmente em tempos de boa economia e exaltação da produção da cana-de-açúcar, ao cangaço, além do notório cuidado aos traços regionalistas.

Carlos de Oliveira, importante representante do Neo-realismo português, filho de imigrantes portugueses, nasceu no Brasil, mas construiu carreira em Lisboa, é sem dúvida, um escritor de notoriedade e representatividade para a literatura. O mesmo comunga em pontos tão recorrentes por José Lins, por ser um escritor que se utiliza da memória e de tudo que vivera, suas obras, a maioria delas, retratam a sua vivência juvenil, e fatos de sua vida e de suas obras fundem-se em uma riqueza de detalhes. “Quero me recordar, estar sempre me lembrando. É outra palavra que gosto de ver pegada à minha obra. Dizem que sou um homem que sirvo da memória. De fato, a saudade me tem dado o que há de belo nos meus romances.” (REGO, 2001).

Carlos de Oliveira reconstrói em suas obras sua vivência desde a infância na Gândara¹, memórias propulsoras das suas primeiras produções. *Casa na Duna* deixa aperceber a relação com a terra, como pátria, como mãe que gera, isso porque a narrativa trata inicialmente da produção agrícola, além de estar inserida no contexto social recorrente ao período neo-realista, período de fortes relações com o Modernismo brasileiro.

Exatamente por isso, as obras comungam um processo de ascensão e declínio de uma determinada classe rural e das suas produções. Ambas evidenciam a contagem dos lucros, frutos da atuação social do proletariado, da classe desfavorecida sendo eles trabalhadores de eito, ex-escravos, sertanejos e cangaceiros, obrigados a se submeterem as péssimas condições de trabalho praticamente a troco do que comer.

¹ “s.f. Charneca, terra arenosa, inculta, estéril. Terreno despovoado, mas coberto de plantas agrestes.” Disponível em: <http://www.dicio.com.br/gandara/> acessado às 22h48minh.

Como já foi mencionado, *Usina* é um dos romances de grande representação do ciclo da cana-de-açúcar, a narrativa é dividida em duas partes, a primeira parte conta a vivência do personagem Ricardo junto com seus amigos grevistas na prisão em Fernando de Noronha até a sua volta ao engenho Santa Rosa, que, sob os comandos do Dr. Juga, havia se tornado a usina Bom Jesus, essa transição é descrita na segunda parte, ao todo, o romance possui 33 capítulos longos e minuciosos, ricos em detalhes, diferente de *Casa na Duna*, a obra possui 39 capítulos curtos, com descrições diretas e enunciativas.

O que se faz perceber nas duas obras é a relação luso-brasileira promulgada pelas vozes dos narradores nos dois romances. “O mundo do romance é, basicamente, um mundo in-sólito. Mundo cheio de vozes, sem que uma só seja real, sem que a única voz real do romance revele uma origem” (TACCA, 1983, p.61). Essa voz real é sempre concebida pelo narrador, ele é detentor das informações e percepções acerca das narrativas, desta forma Oscar Tacca vai dizer que “Contudo, qualquer pergunta que procure uma caução para os entes do romance conduz exclusivamente à única realidade de uma linguagem, de uma voz: à do narrador” (TACCA, 1983, p.62).

A literatura é passível de múltiplas interpretações e, desta forma, os narradores das obras *Usina* e *Casa na Duna*, respectivamente dos autores José Lins e Carlos de Oliveira elucidam os acontecimentos para as reverberações provenientes de cada nova leitura. Assim, a literatura nos possibilita interpretarmos, remetermos, associarmos, o que nos faz compartilhar do pensamento de Pound, “grande literatura é simplesmente linguagem carregada de significado até o máximo grau possível” (POUND, 2006, p. 40).

Para tornar acessíveis essas significações é de suma importância a presença do narrador, ao qual Tacca vai dizer:

Aquele que conta (aquele que traz informações sobre a história que se narra) é sempre o narrador. A sua função é informar. Não lhe é permitida a falsidade, nem a dúvida, nem a interrogação. Apenas varia (apenas lhe é concedida) a quantidade de informação. [...]. (1983, p. 64).

Ainda seguindo sua concepção, Oscar Tacca afirma que: “Basicamente a voz do narrador constitui a única realidade do relato. É o eixo do romance. Podemos não

ouvir em absoluto a voz do autor nem a dos personagens. Mas sem narrador não há romance” (TACCA, 1983, p. 65).

Dispomo-nos, assim como em qualquer romance da voz do narrador. Em *Usina*, no início da segunda parte temos o relato de uma cultura patriarcal proveniente de boas condições para o plantio da cana-de-açúcar, sustentada por mão de obra semiescrava. É desta forma que o Dr. Juca, ao receber o engenho Santa Rosa quase a bancarrota consegue elevar a propriedade e ainda transformá-la em uma usina com alto nível de produção e lucro. Fato que se sustenta em acessão até o capítulo 16, quando o grande investimento, um maquinário americano, que é apresentado por Dr. Pontual, realizado sob hipoteca de quase todas as propriedades dos parentes e sócios do negócio, apresenta irregularidades até então especuladas pelas causas das primeiras produções.

De forma semelhante, o início de *Casa na Duna* descreve a realidade da gândara. “Nelas vivem homens semeando e colhendo, quando o estio poupa, as espigas e o inverno não desaba em chuvas e lama” (OLIVEIRA, 1983, p. 1). Plasmado na ascensão e declínio, Carlos de Oliveira prepara o leitor para a decadência total. Diferentemente de *Usina* que mantém uma linearidade de ascensão. *Casa na Duna* apresenta indícios de declínio, a começar pelas características inconstantes do próprio lugar. No segundo capítulo, tomamos conhecimento de como os Paulos enriqueceram comprando a preços irrisórios as terras dos camponeses: “Os Paulos, um após outro, tinham conseguido alargar a quinta, leira sobre leira, num tempo em que os camponeses trocavam a terra a canecas de vinho.” (OLIVEIRA, 1983, p. 7).

Além do processo de ascensão, os primeiros capítulos narram a mobilização do velho Paulo, patriarca da família, em realizar o casamento do seu filho Mariano Paulo com Conceição. Construimos também a imagem simples do campo, da quinta em Corrocovo situada no alto de uma duna.

Ao fim do inverno começa as novas produções na quinta e nasce Hilário fruto do matrimônio que não durou nem mesmo a infância do garoto, pois Conceição morre após complicações no parto. Por não dispor dos cuidados maternos, Hilário viveu entre o colégio e as idas a quinta, até ser trazido de vez para morar com o seu pai que pouco tinha contato, restando apenas a companhia da criada Palmira. Duas mortes, a do velho Paulo em especial, causa um grande desolar a casa, ainda no capítulo 1. Oliveira:

O Dr. Seabra e o Guimarães vêm de Corgos, a convite de Mariano Paulo. São os únicos amigos que conservou na vida. Os outros foram rareando desaparecendo pouco a pouco, desde que D. Conceição e o velho Paulo morreram. Sumiu-se o antigo alvoroço do casarão de Corrocovo, o ruído dos serões, com a gente de Corgos a encher as salas. [...]” (OLIVEIRA, 1983, p. 2).

Diante de um olhar ou olhares que se voltam à literatura, exclusivamente à análise das obras e, partindo de um contexto histórico são perceptíveis as influências sociais vistas de forma crítica por qualquer análise devolvida como: valores da época, características de determinados grupos, fatores políticos e econômicos, mas principalmente devemos considerar o assunto que envolve as condições sociais. Ao que se refere às obras estudadas, temos um declínio familiar concernente à decadência financeira advinda dos maus negócios a que as propriedades das famílias ficam sujeitas.

Candido pontua seis modalidades de análise de um composto social, as quais o mesmo não as toma como críticas, mas como teoria e história sociológica da literatura, dentre elas o quarto tipo “[...] que estuda a posição e a função social do escritor, procurando relacionar a sua posição com a natureza da sua produção e ambas com a organização da sociedade” (CANDIDO, 2008, p. 20). Diante disso, inferimos uma relação íntima entre escritor, texto produzido e o leitor. Com isso entendemos a preocupação de individualizar a obra, ou seja, torna-la exclusiva sob apenas uma ótica quando na verdade as inferências são possíveis de múltiplas interpretações.

Para firmar a relação social envolta nas obras fazemos uso da forma resumida das seis modalidades mais comuns de estudos de tipo sociológico em literatura, pontuados por Candido: “[...] Em todas nota-se o deslocamento de interesse da obra para os elementos sociais que formam a sua matéria, para as circunstâncias do meio que influíram na sua elaboração, ou para a sua função na sociedade.”. (*idem*).

Diante dessa perspectiva, as narrativas aqui mencionadas são resultantes de uma época, das concepções e influências do meio e contexto a que foram inseridas. E se apropriando de um conceito de arte dado por Flaubert (*apud* Lukács, 2010, p.157) a um de seus romances e que perfeitamente se equipara a muitas obras literárias, temos:

Toda obra de arte deve ter um vértice, um cume; deve formar uma pirâmide, ou um fecho de luz que caia sobre um ponto da esfera. Na vida não há nada disso. A arte, contudo, não é natureza. Não importa: acredito que ninguém foi mais longe em matéria de sinceridade. (2010, p. 157).

O “cume” de *Usina* poderia ser facilmente visto do alto da Bom Jesus, as imagens assistidas despertam opiniões contrárias. De um lado Dr. Juca e a parentela que se agarra a ele para a resolução dos problemas financeiros enfrentados pelo Engenho Santa Rosa a que Carlos de Melo não conseguira reverter, do outro, os trabalhadores do antigo coronel Zé Paulino, que agora sob novos cuidados do Dr. Juca sentiam na pele as dificuldades de pertencer ao proletariado.

Diante da valorização do açúcar no Brasil, a Paraíba e Pernambuco como grandes produtores de cana-de-açúcar regozijavam o excelente desempenho da produção, o preço em alta movimentava a economia, dentro do espaço ficcional os bons rendimentos econômicos vigoram o bom trabalho desenvolvido por Dr. Juca: “[...] um saco de açúcar, por sessenta mil-réis, dava para dr. Juca pagar dívidas e mulheres” (REGO, 2012, p.189). Aliás, uma das suas fraquezas. Casado com dona Dondon, pai de quatro filhos, Dr. Juca deixava-se enveredar pelas pensões, em especial a de Jakeline, uma das mais famosas do Recife no ano de 1900 e nelas gozava os mil-réis advindos do açúcar.

Já em *Casa na Duna*, sob influência do Neo-Realismo a narrativa se direciona para uma busca incessante de Mariano Paulo tentar salvar a propriedade herdada de seu pai. Até o final do romance, ele realiza verdadeiras experiências para resistir as colheitas mal sucedidas pelo clima inconstante.

No enredo de *Usina*, Dr Juca gozava de sua riqueza, com propriedades, automóvel, os filhos estudando em colégios caros no Recife, sem falar nos gastos com mulheres. Finalmente tudo parecia estar se firmando, “dinheiro de usina” dava para tudo.

José Lins nos permite viajar em espaços imagéticos quando tece em suas obras a imagem cultural do povo nordestino, através de um composto social que relaciona a função social, a posição e atuação dentro de uma sociedade organizada como bem pontua Candido.

Diante de uma cultura patriarcal, onde os coronéis propulsores dos engenhos antecederam os donos de Usinas, uma transição da “luta das indústrias” contra o

“atraso feudal” não mudava a realidade do proletariado, os trabalhadores de oito sofriam ainda mais as condições de serem “trabalhadores de Usina”. No capítulo 6 do livro *Usina*, Ricardo descreve o que encontra em sua chagada, tudo havia mudado:

Foi andando e nada que via já fora visto por ele. Aquilo era uma terra nova. As estradas sem as cajazeiras. Parecia que alguém tivesse cortado o seu cabelo bonito. O Sol cobria o caminho e a cerca de arame vinha até em cima da estrada. Tudo que era terra estava coberto de cana. (REGO, 2012, p.136).

E tudo isso para alimentar não apenas a Usina, mas a ganância e o ego do Dr. Juca que vivia a sua opulência total. Percebemos isso com maior enfoque a partir do capítulo 8 quando o dono da usina Bom Jesus ouvia o som do crescimento, com grandeza:

SENTADO NUMA LARGA CADEIRA de espreguiçar, o dr. Juca via do alpendre da casa grande a atividade da sua fábrica. Da chaminé da usina para o céu nuvens de fumaça. O rumor das máquinas, o ruído da moenda quebrando cana, das rodas dentadas, dos trens chegando enchiam os ouvidos do usineiro próspero. (REGO, 2012, p.157).

Por trás do progresso da Bom Jesus existiam as mãos dos trabalhadores, em especial e de forma mais sofrida eram as condições dos homens do campo:

[...] os homens do campo, os trabalhadores de dois mil-rés por dia, que recebiam vale usina, a carne ceará e a farinha seca, de cabeça baixa, satisfeito da vida, como se a vida só tivesse de grande para lhes dar aquela miséria que desfrutavam. (REGO, 2012, p. 161).

[...]

Operário não recebia vale. Dinheiro para eles era mesmo dinheiro de verdade.

Para o pessoal do eito era que o vale tinha valor. Os que tinham saldo no fim de semana recebiam seu pedaço de metal, a moeda que só corria no barracão da usina. Bem que eles queriam os seus dois mil-réis zunindo nos dedos para que a mulher pudesse ir à feira do Pilar comprar o seu pedaço de carne verde. Tinham que viver de ceará de inverno a verão. (REGO, 2012, p. 185).

Mesmo diante dessas facilidades na produção, a usina entra em declínio. Três principais motivos acarretam para a decadência total. Primeiro, a operação arriscada de Dr. Juca equipar a usina para o aproveitamento total de sua produção e que não deu certo, como já foi mencionado a operação envolvia a hipoteca de muitas propriedades da família, inclusive a Bom Jesus. Segundo, “A grande crise do

açúcar pegou a Bom Jesus de jeito. Dois anos de moagem boa de cristal de primeira. E o saco de açúcar por vinte mil-réis.[...]” (REGO, 2012, p. 275). Como descreve o capítulo 20 do livro, a usina enfrenta sérios problemas, agora não mais com a produção, mas com a crise econômica. E terceiro, com a decadência econômica e conseqüentemente da usina, Dr. Juca passa a sofrer os efeitos disso de forma direta, quando apresenta um sério problema de saúde que o faz extinguir-se gradativamente e assim não ter mais forças para lutar pelo seu patrimônio.

Mariano Paulo não dispunha mais da prática que o fizera acumular bens e riqueza, ele e toda família enriqueceram de forma inescrupulosa se apropriando de negócios realizados desonestamente, o fato é que o rendimento da agricultura não surtia mais efeito, a realidade atual de Corrocovo inspirava cuidados e uma atitude urgente, porém o Dr. Seabra tranquilizava-o.

- Uns tostões a mais ou a menos não resolviam nada. Nem isso está nas suas mãos. Mas de facto, aflige. Crianças com barrigas enormes, olhos purulentos, as pernas como espetos. [...]. (OLIVEIRA, 1983, p.60).

O fato é que:

As dificuldades batiam à porta de toda a gente. Iam longe os tempos em que a agricultura fazia fortunas. Agora, o milho e o vinho chegavam doutras regiões, de terrenos férteis, onde a produção era menos dispendiosa. Os armazenistas, a concorrência de preços, obrigavam Mariano Paulo a vender com lucros mínimos e às vezes sem lucro. O velho Paulo deixara ainda a quinta a produzir um rendimento apreciável. Porém, os últimos anos tinham modificado certas coisas. [...] (*Idem*).

Diante disso, começa a busca incessante de Mariano Paulo para adquirir uma nova forma de rendimento financeiro. E resolve construir uma fábrica de telha ao perceber as boas condições do barro que pertencia a sua propriedade. Em *Casa na Duna*, este é o momento em que se parece ter descoberto a solução para as produções agrícolas que estavam em queda.

Mariano Paulo reparou por acaso nos pequenos poços vermelhos que a criança escavara e um novo projeto se esboçou ali mesmo: utilizar o barro de fabrico de telha ou coisa semelhante. A salvação da quinta tornara-se uma ideia constante, obsessiva. Não deixaria escapar nenhuma ocasião de manter intacta a herança dos Paulos. (OLIVEIRA, 1983, p.123).

O barro foi averiguado, era excelente para a produção. Foram, então, erguidas as paredes da fábrica, os fornos estavam prontos e havia até mesmo um especialista para coordenar as produções, esta parecia, para Mariano Paulo, a

solução do problema. Teria sido, se Corrocovo não tivesse sofrido os efeitos do crescimento industrial, novas estradas e os meios de comunicação impulsionavam esse crescimento, viabilizando inclusive a concorrência vinda do exterior.

Foi então que a grande estrada que descia da vila começou a aproximar-se de Corrocovo, a abrir-se por entre o mato, a deitar pinhais inteiros no chão.[...] (OLIVEIRA, 1983, p.153)

Negociantes, porqueiros, carros de milho, fruta, couve, gado e celeiros, passavam agora em Corrocovo, na estrada nova, para as feiras da vila. Gente de léguas em redor subia e descia com riqueza da gândara nas manhãs e anoiteceres de feira. (*Idem*).

A estrada continuou a rolar ela gândara. De lugarejo a lugarejo, as distâncias ficavam mais curtas. A exploração ia começar a fundo. Os armazéns, o comércio de Corgos e, a através deles, os grandes negociantes e industriais das cidades, lançavam pela estrada nova as furgonetes, os caminhões de carga. [...] (OLIVEIRA, p.154).

As novas tecnologias causaram uma relevante desestabilização na economia que tinha por consequência transformações sociais intensas. No romance esse fato pode ser entendido como o que resultou na decadência da família dos Paulos, uma vez que seria impossível competir com um rival desse porte sem dispor de recursos, este fica explícito como o marco que fez pela segunda vez Mariano Paulo ver seu patrimônio em ruínas.

A fábrica de Mariano Paulo estava condenada. O restrito mercado que tinha fora devassado. As aldeolas ermas, onde a telha de Corrocovo se vendia, chagava a concorrência das grandes indústrias. As fábricas da Pampilhosa descarregava a telha, nos povoados obscuros, mais barata que a do forno da quinta. Tomados em conta os lucros dos revendedores, as despesas de transporte sobrava ainda margem para uma guerra de preços. Mariano Paulo não podia aguentar o desafio. A pequena indústria ia ser desmantelada e, conseguido isso, a empresa mais forte ficava sozinha em campo. A subida de custo far-se-ia, depois livremente. (OLIVEIRA, 1983, p.155).

Não há nada a fazer. (OLIVEIRA, p.156).

Antonio Candido trás em seu estudo duas tendências da estética moderna. “A primeira consiste em estudar em que medida a arte é expressão da sociedade; a segunda, em que medida é social, isto é, interessada nos problemas sociais.” (CANDIDO, 2008, p. 28). Tanto José Lins, quanto Carlos de Oliveira apresentam tais preocupações em suas obras.

José Lins conta as histórias das saudosas lembranças do passado, no engenho Santa Rosa na cidade de Pilar, propriedade do seu avô materno, o lendário

coronel Zé Paulino, conta também os fatos advindos de um estilo de vida de um “herdeiro de engenho”. Além dessas características, o autor concentra parte da sua prosa na decadência da composição social e econômica dos engenhos de açúcar. Em *Usina* é perceptível todas essas características, além do processo de mudanças ocorridas com a Primeira República.

Outro plano que se situa em algumas obras de José Lins está comumente ligado ao Modernismo. Tomemos a descrição de Bosi:

Entre 1930 e 1945/50, grosso modo, o panorama literário apresentava, em primeiro plano, a ficção regionalista, o ensaísmo social e o aprofundamento da lírica moderna no seu ritmo oscilante entre o fechamento e a abertura do eu à sociedade humana e à natureza [...]. (1994, p.386).

Sob o vértice de tratar em seu corpus o regionalismo predominantemente social, mais uma descrição de Bosi subsidia as características de parte de suas obras “[...] o Nordeste decadente, as agruras das classes médias do começo da fase urbanizadora. Os conflitos internos da burguesia entre província e cosmopolita (fase da prosa e da ficção). (BOSI, p. 386).

Pensar em *Usina* de José Lins de forma crítica é atentar-se para todas essas concepções, pois se comunica na narrativa esses entraves. Mesmo diante dos embates travados por Dr. Juca para reerguer a Bom Jesus, a mesma decaía gradativamente. O capítulo 23 é perceptível a difícil situação.

NO TERCEIRO ANO DA CRISE a Bom Jesus ainda se arrastava, entredada de dificuldades. A dívida a Vergara aumentava, as prestações atrasadas, o usineiro doente e São Feliz entrando nas suas terras. Partes do Vertente tinham sido compradas pelo rival dr. Luís e letras vencidas contra o dr. Juca estavam nas mãos do rival. (REGO, 2012, p.298).

Carlos de Oliveira escreve de forma poética a situação da quinta, o rumo do patrimônio do clã dos Paulo e que se pode descrever perfeitamente a condição de impotência de Dr. Juca. “[...] A vida punha os homens a comerem-se uns aos outros. O mais forte vencia, e força, ali, significava dinheiro. Ninguém podia impedir a ruína da fábrica, da quinta.” (OLIVEIRA, 1983, p.157).

Enquanto de um lado o surgimento da estrada e os avanços da tecnologia lesaram a burguesia rural, representada por Mariano Paulo, do outro foi

impulsionador da burguesia mercantil, representada pelo Miranda² que desfrutava da ascensão dessas transformações sociais.

[...] A estrada nova, aberta de Corgos para Corrocovo, foi a última sopa que lhe caiu no mel, O comércio rende como nunca e o Miranda aproveita a onda. Não é preciso ir à bruxa. Das duas uma: ou acaba presidente da junta de freguesia ou dono dum armazém em Corgos.[...] (OLIVEIRA, 1983, p.168)

O último capítulo de *Casa na Duna* é carregado de melancolia e um profundo pesar pela morte de Hilário, mas principalmente faz pensar sobre a brevidade da vida, sobre as falhas e fraquezas humanas característico de cada indivíduo e o que os impulsionam. No último parágrafo, Mariano Paulo quer “alcançar a sua vitória sobre o destino”. Fica subentendido que diante da fraqueza e incapacidade de seguir adiante o último representante dos Paulos arquiteta antecipar o fim do clã.

Os capítulos finais de *Usina* mostram mais uma das duras dificuldades que D. Dondon, esposa do Dr. Juca, enfrenta que é casar as duas filhas já sem prestígio, pelas condições atuais do pai. O mesmo não acontece com a usina, o estado de saúde de Dr. Juca inspira maiores cuidados e o mesmo já não tem forças para lutar.

[...] Coitado do Juca. Estava ele com a moléstia do tio Jerônimo. Uma doença que não se curava, que ia aos poucos reduzindo o cristão a um nada, a um trambolho. Quase que ele não podia andar, trôpego, encostado o um pau, como um velho e como aquelas dores infernais. (REGO, 2012, p.312).

O usineiro sofria ao ver tudo que conquistara esvair-se de suas mãos, receber outro dono, outro comando.

Sentado naquela cadeira de braços, o usineiro olhava para o mundo que saíra de suas mãos. A doença comera as grandes coisas da sua vida. Mulher para ele era como se não existisse. Fora-se o grande interesse de sua vida. [...] Com mais dez anos tudo estaria acabado. (REGO, p.328).

A morte rondava por tão perto o dr. Juca que ele nem contava mais como fatos que fossem do futuro. Tudo para ele estava acabado. (REGO, p.329).

Fora-se o velho José Paulino, acabara-se o Santa Rosa. E estava ali o dr. Juca como um aleijado e a Bom Jesus no fim, sem forças para moer um feixe de cana.[...] (REGO, p. 361).

² Miranda era um proprietário de uma loja em Corrocovo. O mesmo, pouco aparece na narrativa, no entanto no desfecho da obra ela atua como representante da burguesia mercantil atrelada a desonestidade a que conquistou essa posição.

Ao final do último capítulo, Dr. Juca e a família foram obrigados a deixar a casa grande sob a imponente do Rio Paraíba, os dias de grande chuva fizeram o rio aumentar muito, tudo estava ameaçado a sofrer com ira do venho Paraíba. E assim sucedeu, saíram a mulher, a filha e Dr. Juca em cima de uma carroça com “as suas dores”, acompanhados de alguns trabalhadores da fazenda e Rafael que seguia a pé.

O usineiro e a família fugiram para a caatinga. Para ali o dr. Juca sacudira o povo da várzea, com usuras das terras para a cana. (REGO, p.366)

D. Dondon pediu para o carro parar, para o marido ver o rio. O dr. Juca olhou e viu a Bom Jesus lá em baixo com a sua chaminé vermelha. Antigamente, nos tempos de cheia, ele ficava com o pai no engenho, salvando o que era possível salvar. [...]. (Idem, p.366).

Era quase noite. O sol se ia, sem nem uma cinta vermelha no poente. Tudo cor de chumbo, no céu. Tudo ia se escurecendo. (REGO, p.366).

Aí o dr. Juca falou para a mulher, para filha e as negras:
- Isto é o mesmo que pedir esmola. (REGO, p.366).

José Lins ameniza o desfecho da narrativa com a enchente do Paraíba, desta forma Dr. Juca e a sua família não precisam se submeter a uma maior humilhação de serem expulsos da casa onde viveram dias felizes. Mas tudo estava feito, a má conduta do usineiro levou a decadência da família, o que foi reforçado pela crise econômica. Os últimos trechos atentam para as condições que um ser está submetido, assim como em *Casa na Duna*, a obra de José Lins faz pensar sobre a brevidade da vida, sobre as falhas e fraquezas humanas a que o indivíduo está sujeito a vivenciar.

Não é despercebida a forte relação ente as obras *Usina* e *Casa na Duna*, em especial os capítulos que encerram ambos os romances, além é claro dos enredos que dialogam em contexto e propósito social. A ascensão e declínio das propriedades, a propagação desse efeito de decadência que transcendem nos patriarcas das famílias, a relação literária entre dois momentos distintos da literatura, o Modernismo brasileiro e o Neo-realismo português, tais características corroboram para intrínseca relação entre as obras e um estudo de notoriedade.

Como diz Pound, a “grande literatura é simplesmente linguagem carregada de significado até o máximo grau possível” (POUND, 2006, p. 40), e esses vastos significados devem ser estudados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nomear novas concepções investigativas a um estudo firmado a tantos anos e com bases sólidas é, sem dúvida, um desafio. Em especial por ter envolvido uma arte que transcende características particulares dos seus idealizadores, o jogo de ideias previamente pensadas, ou as muitas interpretações inferidas sob uma ótica já arquitetada pelo criador, o que torna essa proposta mais desafiadora.

Diante de um estudo comparativo entre duas importantes obras literárias, fica evidente a intrínseca relação entre os romances. Constroem-se imagens sinônimas com base nas atuações dos patriarcas das famílias, sucessores do velho Zé Paulino em *Usina* e o clã dos Paulos, caracterizado em *Casa na Duna*, contadas pelas vozes dos narradores, vozes essas que dentem o transparecer ficcional como é tratado por Tacca.

Seguindo o pensamento de que as narrativas literárias estabelecem uma relação com o meio e todos os fatos histórico-sociais, além é claro de o autor individualizar e atribuir sua própria estilística, as obras equiparadas passeiam em correntes luso-brasileiras. Especialistas asseguram e conforme afirmação de Mendonça, o movimento regionalista brasileiro estabeleceu influências a prosa neorrealista em Portugal.

Se nivelada nas narrativas a construção de uma imagem individual dos personagens de forma a imergir sobre as singularidades e características específicas de cada um é perceptível a priorização de espaços imagéticos atenuados as condições do meio, as realidades sociais, lembrando que toda literatura assume essa caráter, no entanto, o olhar atento do outro recria tais realidades de maneiras não equiparáveis.

Diante dos pontos base dos romances, a grosso modo, os períodos literários referidos foram provenientes de esforço enérgico de transformações, de um período de transição na estrutura dos campos político, econômico, social e literário, um momento de reajuste da cultura agora não mais de contraposição entre classes.

Diante desse contexto histórico, os narradores tratam da condição de vida submetida a classe trabalhadora, e as virtuosidades gozadas pelos usineiros, com a ascensão da cana-de-açúcar em (*Usina*) e dos proprietários de terras, grandes produtores rurais em (*Casa na Duna*). Com isso temos a transição dos feudos para as indústrias, e a transformação da burguesia rural para burguesia mercantil.

Singularmente os autores recriam imagens da transição da ascensão e declínio total vista em cada obra de forma especial estabelecendo assim relações empíricas sobre as mesmas.

Por fim, vale suscitar de forma particular as impressões do leitor com base em ambos os romances, entendendo a relação entre as narrativas sob óticas fomentadas nesse estudo e sabendo que as múltiplas interpretações inferem na plurissignificação a que a literatura de maneira especial permite transitar e despertar a criticidade daqueles que a contemplam.

REFERÊNCIAS

ABURRE, Maria Luiza M.; PONTARRA, Marcela N. **Literatura brasileira: tempos, leitores e leituras**. São Paulo: Moderna, 2005.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo, Ática, 1985. (Série Fundamentos). p. 13.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1975.

JOUBE, Vincent. **POR QUE ESTUDAR Literatura?**. Trad. Marcos Bagno; Marcos Marcionilo. São Paulo: Parabóla, 2012.

LUKÁCS, Gyorgy. **Marxismo e teoria da literatura**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Ed. 2ª. São Paulo: Expressão popular, 2010.

MARGATO, Isabel. **Notas sobre o Neo-Realismo português: um desejo de transformação**. In: Via Atlântica Nº 13 Junho. Rio de Janeiro, 2008.

OLIVEIRA, Carlos Alberto Sena de. **Casa na duna**. 8.ed. Lisboa: Linaria Sá da Costa, 1983.

POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. 11ª Ed. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes, São Paulo: Cultrix, 2006.

REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. José Lins do Rego; 82 ed.- Rio de Janeiro; José Olympio, 2001.

REGO, José Lins do. **Usina**. 21ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

SACRAMENTO, M. **Diário**. Porto: Limiar, 1974.

SANTOS, João Camilo dos. “**Apresentação de um romancista neo-realista: Carlos de Oliveira**”. In: *Vértice*, 38, maio de 1991, p.36-37.

TACCA, Oscar. **As vozes do romance**. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.